

Nossas almas murmuram na sombra

LUCIANA NABUCO

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2021

Festa de menino

Saiu arrastado, chutando no vazio da calçada a ordem do pai, “menino, corre comprar uma garrafa de querosene!”. Enfiou no bolso as pratinhas, não sem antes espichar o olho na esperança de avistar um ou outro irmão desavisado que subornaria de bom grado com uns dias de sobremesa extra. Azar de ter sido o primeiro que passou pelas vistas do pai. Mas que não tentasse bancar o sonso porque seu Alcindo fazia cantar fino a correia de couro nos insubordinados. Ordens daquela figura enorme que devagar ia afundando na poltrona da sala e desfolhando com deleite o jornal fresquinho, filho nenhum no final das contas ousava chiar.

O jeito era mesmo esquecer a pelada de logo mais, a bola “tinindo de nova”, os joelhos esfolados e as lascas de unha dos pés que ficavam por ali mesmo como troféus dos pequenos gladiadores do Méier, Faneco, Penico, Miltinho, Bentevi, Ruivo, Alfonsinho, Chuca-Chuca, Piolho, Milorde, Quim e ele, José, que caminhava engolindo a raiva, jiló azedando a vontade de libertar-se da obrigação.

Ainda tentou apressar o passo, mas o comércio ia fechando as portas cedo sem importar-se com as já grossas e preocupadas gotas de suor do menino, imaginando as mãos vazias e o traseiro quente.

Salvo! Estava salvo pela venda daquele turco esquisito que sempre lhe metia medo atrás de suas barbas brancas e sobrançelhões negros, como se escondessem todos os mistérios da caverna de Ali Babá.

Aliás, o velho se arrepiava todo a cada vez que o chamavam de turco. Mas quando a molecada cismava, as verdades sumiam e se encontravam na palma da mão do faz-de-conta, poder da inocência, refúgio de um tempo que passa voando sem sentir.

Pois quando se sente é que já dói, e cedo demais borboleteia-se em adulto cheio de verdade sem ceder espaço à ilusão.

Confiante e folgado, levava o seu embrulho sem dar conta do burburinho invadindo as ruas, mas como o lazer estava perdido mesmo, foi diminuindo o ritmo, apurando os ouvidos para pescar as conversas e se distrair.

“Ainda falta passar na Turuna para o resto das plumas da Nininha”, “imagina que ele já pegou a minha combinação nova”, “sair no bloco das Piranhas, com seda importada”, “de hoje até quarta é beber até cair, até cair!”, “foi quase todo o salário nessa fantasia, se não arrumar namorado me mato” “desacato a morena, rapaz, desacato...”, “...e foi reclamar da sandália! Disse que deu bolha, vê lá se eu vou comprar outra?”, “esquece logo esse cachaça, é carnaval...”, “...a gola da capa de vampiro ficou parecendo um copo-de-leite!”, “...pior eu, com o pé inchado de esperar a costureira, mas ficou uma beleza, hein?”.

Confusão de gente que para o menino se debatia como pipoca na quentura da panela, pouco a pouco atijando aquele diabinho autoritário e empurrão direto para as desobediências, lançando a vontade de José que, amolecido, pegou o sentido contrário da casa. Fascinado, acompanhou o desfile colorido de quem ele jamais achou que sabia também brincar de parecer ser.

Aquele ali, ó, é o seu Almeida, igualzinho um sapo cururu dentro daquela roupa esverdeada com ilhoses pretos e suas protuberâncias à mostra e louco de alegria! Puxa, nunca tinha visto o carrancudo sorrir nem de lado.

E as duas espanholinhas em pés de vento, cabelos enfeitados com grandes flores vermelhas, deixavam um rastro adocicado, fazendo o menino respirar fundo, sonhando ser toureiro de sapatilhas bordadas em fios de ouro, aclamado na arena e trazendo em suas mãos as orelhas do vencido.

Inusitado baile se desenrolando ali, na sua frente, que já tinha se sentado no meio-fio da calçada esquecido do tempo, da raiva, dos camaradas.

Seus olhinhos vidrados, pingüços de euforia vibravam a cada personagem, desde o de fantasia mais elaborada, até os furrecas de uma pena só. A razão dos seus olhos era mesmo de revirar os sentidos, senão como explicar aquele ardor no fundo da barriga e os pés juntados no ritmo das cordas e percussão que se escutava bem de longe?

A transfusão de folia ultrapassava o desbotamento do pinga-pinga diário, rotina de rostos cansados voltando ao lar, bocas entortecidas pelas responsabilidades de acomodar-se na hora adulta, séria, sem cócegas na alma.

Como devia ser triste ir assim pela vida, perdendo suas camadas de meninice, até não mais restar uma gota, um canto qualquer de imortalidade, pois ser criança é não acabar, deixar sempre a terminar sua fantasia, tal um fôlego suplementar, interminável, folião descosturado e eterno.

O estalo do chicote riscou a rua num alvoroço.

Abriu-se um espaço no meio do emaranhado, ressoando alto o choro dos pequenos, e os de pileque adiantado saudavam os mascarados endiabrados com entusiasmo, talvez para garantir o conforto de só observar sem o incômodo estridente que crescia à medida que a turma de bate bolas engrossava no asfalto.

José levantou-se de um pulo, protegendo o querosene como se fosse bibelô de cristal, entre fascínio e espanto, viu surgir diante de si tamanha assombração de cores fortes, corisco selvagem de braços sem fim, capazes de arrebatá-lo em uma lapada o sonhar acordado do menino.

A tarde estava acabando e a diversão agora era outra, daquelas presenças misteriosas e cada um que cuidasse de si. Até que se fundiu em uma daquelas máscaras o rosto furioso do pai, e José despertou já sentindo as dores da sova.

Tremendo, suando, o coração aos trancos, ele avança miudinho pela sala, em meio à penumbra. O pai, ainda sentado e roncando forte, o jornal caído. Ele pousa como um anjo o querosene, carregando leve e feliz a lembrança do primeiro carnaval.

A mulher que ficou

Contava seis mulheres. Uma para cada dia da semana, e no sétimo o repouso merecido, privilégio até do Divino Criador. Companheiro dedicado, pai extremoso de 14 rebentos, da raspa de tacho ao varão recém-formado doutor desses de “bostinha no dedo”, rubra joia, orgulho do pai.

Magalhães já embicava os setenta, sempre levando na frente a liberdade infantil. Andava nu pelos cantos, cabrito inocente e selvagem. “Menino desaforado, isso sim”, era o eco permanente da casa que não compreendia os pendores naturalistas daquele tico de gente. Verdadeira chateação essa de se vestir, cobrir, amarrar, dar nós, abotoar, enfiar por baixo, por cima; isso sem falar no ridículo das cores, o costume de marinheiro das missas de domingo, a obrigação de ser cabide educado às mãos zelosas da mãe, tias, avós orgulhosas de seus bordados e tricôs.

Quando crescesse, aquela tirania de mulheres iria acabar. Donzela ou puta, ninguém iria domá-lo, seu leite iria espalhar pela terra a perfumar num rastro comprido, torpor das fêmeas sequiosas de seus carinhos. Agrados dados somente a quem

merecesse, ou soubesse entender, sujeito livre, selado ao acaso das horas vadias.

O doce, porém, sempre acaba quando a boca se enche de gosto bom. Galo morto, galo posto. Viúva, a mãe reclamava casamento, queria netos antes da cabeça se cobrir totalmente de fios brancos, sinal do fim próximo, soltura da alma. E mais uma vez elas se intrometiam em seus acertos, arte feminina de tecer em fios invisíveis as tramas da vida, seduzir, escolher, dando linha a ir enroscando o indivíduo até a total castração.

“E tem mais”, vaticinava a matriarca, “esposa digna é a que não chora cortando cebola! Mulher que chora nesse serviço é ou vai ser pecadora”.

Finalmente se arranjou a tal, rotunda, farta em quadris, sinal das boas parideiras, séria, moça distinta e de pouco conversar. “Meu filho, mulher tem é que saber de sua lida sem muito discurso”. Amarrou-se então Magalhães, jovem e também cheio de saúde à silenciosa e eficiente Ana, mais tarde chamada respeitosamente pelo marido de don’Ana, que nas intimidades ela não acusava um ai, um gemido qualquer de prazer ou até mesmo de incômodo. O que se fizesse estava bem, era obrigação a cumprir para o aumento da família. E foram oito para orgulho do pai e ocupação da mãe.

O pequeno ainda sugava nos peitos da mulher, quando lhe veio sensação de dever cumprido, e logo já estava enrabichado por uma polaquinha frufu, que lhe reacendeu o gosto pela coisa ao remexer suas anquinhas em gritos descarados, música que lhe fazia falta. Ficou à terça-feira.

Tempos depois emprestou o lenço à moça que estava ao seu lado no cinema, filme triste, e ela com seus enormes olhos castanhos disfarçando o choro. Ligou-se primeiro de amizade, aos poucos descobrindo os pedaços de sua vida, até o dia em que, já bem íntimos, ele viu o singelo vestido de noiva pendurado no armário. Esperou inútil o noivo que nunca chegou. Estendeu o refúgio em salas escuras para poder chorar à vontade, era o pretexto do que tinha vergonha de confessar. Ficou à quarta-feira.

Encantou-se também pela Laurinda, cozinheira supimpa do trivial ao requintado, e na cama se lambuzava glutão, do mel dos seus segredos, que ela, generosa, jamais se fartava em lhe oferecer. Ficou à quinta-feira.

A outra pequena vinha com uma mãe cegueta e um menino em fraldas, mas não era afeita à tristeza. Conquistou-lhe pelo riso sincero, isento de sedução e trapaças, era transparente. Enchia de leveza os seus dias sombrios e seu colo representava as acolhidas e o perdão. Ficou à sexta-feira.

Mas sempre há uma perdição.

Era a que não pode ser moldada. Corre solta feito água e sendo assim, ora é barrenta, ora é cristalina, envenena e cura, nunca é por assim dizer, uma só. O recebia de cabelos presos, para que ele desfizesse o penteado caprichado e se derretesse dentro do seu corpo morno. Os beijos, para ela, nunca bastavam, havia sempre tempo para aquele último, da despedida apressada do “até a semana que vem”.

Começou a dar ouvidos e razão às vizinhas mexeriqueiras que falavam de feitiços e amarrações, forma certa de segurá-lo

E-mail: *luocuban@gmail.com*
Instagram: *@luciananabucoarte*

LIVROS ILUMINAM

Este livro foi composto em Dante MT Std
pela Editora Penalux e impresso em papel off-
white 80 g/m², em setembro de 2021.
